



Mural de Nila Carneiro, na Av. da França, Comércio

**CULTURA** Mural que será produzido na sede do Grupo A TARDE, na Avenida Tancredo Neves, amplia circuito da Street Art em Salvador

## ARTE A CÉU ABERTO

GILSON JORGE

**D**urante duas semanas, a partir de amanhã, o grafiteiro Diogo Galvão e três artistas de sua equipe farão um mural na fachada da sede do Grupo A TARDE. Serão oito latas de tinta acrílica e 150 sprays espalhados por 342 metros quadrados de duas empenas, como se chamam na construção civil as paredes laterais que não têm portas ou janelas.

O acordo entre o mais antigo grupo de comunicação da Bahia e a Fundação Gregório de Mattos (FGM) marca a tentativa da atual administração municipal de verticalizar os murais, incentivando empresas a inundar paredes dos prédios da região da Avenida Tancredo Neves com os painéis que deslumbram soteropolitanos no Centro Antigo de Salvador, na Comunidade Solar do Unhão, no Rio Vermelho e em bairros periféricos.

As obras de arte, na maioria das vezes, são feitas por uma geração de grafiteiros que começou a se especializar em 2005, quando a gestão municipal passada decidiu combater o picho, considerada vandalismo pelas autoridades públicas.

Com a primeira edição do Salvador Grafitá, em 2005, foram contratados 40 jovens para fazer desenhos temáticos, pagando salários para os selecionados. Alguns foram estudar depois na universidade e alguns receberam ajuda inesperada.

No mesmo ano em que o Salvador Grafitá foi lançado, jovens da Ribeira e de bairros vizinhos fizeram pichações nos muros e paredes da casa de número 57 da rua Júlio David, onde funciona o Instituto Cultural Brasil Itália Europa (Icibe). O italiano Pietro Gallina, diretor do instituto, não gostou do resultado e chamou os meninos para lhes mostrar livros de arte.

"Eles se encantaram por Caravaggio e alguns fizeram desenhos inspirados nele", afirma Gallina, que levou sete dos jovens à Itália. "Há desenhos deles em Paris, Roma, Barcelona e Frankfurt", orgulha-se.

Um dos presentes à viagem foi o atualmente blogueiro e escritor JF Paranaçu, autor do livro *A Arte de rua, resgate de intervenções artísticas urbanas em Salvador*, lançado em 2017.

A obra reúne registros de 37 anos de observação por parte de Paranaçu, um ex-funcionário da Embasa que aproveitava as andanças pelas ruas da cidade para fotografar pichações que considerava interessantes, como as enigmáticas frases de Faustino, pichadas ainda sob a ditadura militar. Paranaçu tornou-se um dos primeiros a registrar a evolução do grafismo e da arte urbana em Salvador.

Na academia, há restrições ao patrocínio à arte urbana. Alguns professores da Escola de Belas Artes consideram que a subvenção financeira anula a motivação de protesto que originalmente leva um artista de rua a apontar o spray em direção a uma parede.

"Na rua pulsa outra energia, fora do institucional. A urgência do trabalho não vem da encomenda", afirma a professora Ines Linke, que atua na interface entre arte contemporânea, intervenção urbana e cenografia.

"Meu papel não é incentivar o grafite, é vender o material. Tam pouco acho que seja papel do poder público. Mas se não fosse o apoio do governo, o expressionismo abstrato da década de 1950 em Nova Iorque não teria acontecido", pondera o comerciante Mark Pfohl, dono da Mil Muros, loja de artigos para grafiteiros.



Obra de Calangos (Eder Muniz) no Largo Dois de Julho



Rafael Müller / Ag. A TARDE



CAPA

# Cores na cidade

GILSON JORGE

Com a necessidade de conciliar o amor pelos muros com o pagamento das contas, alguns grafiteiros criaram novas formas de trabalho. Pioneira entre as mulheres, Mônica Reis ganha dinheiro fazendo pequenos murais para aniversários e outros eventos, além de aulas. "Depois de obter um certo reconhecimento na mídia, passei a ser chamada para dar workshops para estudantes", declara Mônica.

Sua inserção no mundo dos grafites foi rápida. Em 2005, aos 23 anos, ela foi ao Largo do Papagaio participar de uma ação promovida por uma marca de sprays. Desenhando em uma parede do largo um coração com o seu nome e, meses depois, viu seu desenho aparecer em uma matéria sobre arte de rua na revista Cadernos do Terceiro Mundo.

A revista deixou de circular no ano seguinte, mas Mônica seguiu e se firmou como uma referência para a luta contra o machismo. "Muitas meninas que viram trabalhos meus na cidade se animaram a fazer também", diz ela, que no início sofria com a perseguição dos caras, dizendo que não era lugar para mulher, que ela seguia uma modinha e até tentando levar o seu material.

Curiosamente, um de seus trabalhos, na Rua Carlos Gomes, é um mural em homenagem à Muquiranas, bloco de homens que se travestem de mulher e que não são exatamente uma unanimidade entre as feministas. "Meu marido, que também é grafiteiro, sai no bloco e a gente resolveu fazer uma homenagem".

Conhecido no circuito de arte urbana como Cabuloso, Marcos Costa comemora, no mês que vem, um ano de abertura do Cabuloso Atelier, no Pelourinho. "É um espaço que mistura arte, moda e gastronomia", explica o artista, que começou a desenhar na escola, ainda garoto, e foi convidado por colegas a integrar a turma que grafitava pelas ruas.

**Tour** Outra referência, Eder Muniz descobriu outro jeito de trabalhar com arte urbana. Um tour de três horas, de Castelo Branco até o Centro, em que explica a história dos grafites apresentados e dos autores. "Tenho levado estudantes de universidades americanas. O público daqui muitas vezes paga para conhecer arte urbana na Europa, mas não se interessa pelo que é feito na cidade", desabafa.

Para a fotoinstalista e professora Carol Garcia, co-autora do livro *Graffiti Salvador* e integrante do coletivo Vai e Faz, que todos os anos promove o Bahia de Todas as Cores, o principal festival de grafite da cidade, "não há como verticalizar sem o apoio de grandes empresas". Carol acredita que no Brasil apenas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte há um mercado de trabalho consolidado para os grafiteiros.

"O grafite em Salvador tem alcançado uma qualidade internacional. Temos grandes grafiteiros", atesta o professor da Ufba, Roaleno Costa, especializado em grafite, que vê 10 artistas de primeira linha, sem citar nomes. "O que falta em Salvador é oportunidade para os grafiteiros. Não de cooptação, de domesticação, mas chances de participar de grandes projetos", diz.

Idealizadora e curadora do Movimento Urbano de Arte Livre (Mural), que em 2016 espalhou

nove obras pela Avenida da França, Vanessa Vieira, da Trevo Produções, destaca a experiência "extraordinária" que foi convidar os artistas para produzirem os painéis que transformaram parte do Comércio em uma galeria ao ar livre, mas destaca a dificuldade em levar adiante novos projetos no setor. "Logo depois do edital, muitas empresas nos procuraram, mas quando ouviam sobre os custos, desistiam", diz Vanessa, lembrando que para que a arte apareça lá no alto é preciso pagar pelo desenho, pela mão de obra e pelos equipamentos alugados.

Um dos casos de sucesso em arte urbana levados em conta pela FGM é a Comunidade do Solar do Unhão, na Avenida do Contorno, onde paredes de escadas e fachadas de casas e bares receberam o colorido de artistas de destaque na cena local, como Bigod, e até de um americano que morou um tempo no bairro.

O artista, que assina como Joel, desenhou o rosto de uma criança sorridente ao lado de uma tartaruga, um presente para a vizinhança que o acolheu. "Nos bairros, costuma haver uma boa relação entre os grafiteiros e os moradores, que se sentem representados de alguma forma", explica a professora Ines Linke.

Na região da Avenida Tancredo Neves, o futuro da arte urbana está ligado a duas questões: a possibilidade de a FGM conseguir apoio de fabricantes de tintas e o impacto do trabalho de Galvão nas empresas da sede de A TARDE. "A gente está aguardando a repercussão para entrar em contato com outras empresas", afirma o presidente da FGM, Fernando Guerreiro.

O presidente do Grupo A TARDE, João de Mello Leitão, enaltece a parceria: "Para a gente, isso tem uma grande relevância. Trazer arte para uma área privilegiada".



Rafael Müller / Ag. A TARDE



Rafael Müller / Ag. A TARDE



Alexandre Ioli / Ag. A TARDE



De cima para baixo, obra de Ianah, no Rio Vermelho; grafite de Joel na Comunidade Solar do Unhão; os artistas visuais Mônica Reis e Eder Muniz e obra de Marcos Costa na Codeba, Comércio

Uendel Galter / Ag. A TARDE